Profª Alessandra Bremm

Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Silveira Neto – Lagoa Vermelha/RS

Título

Projeto cidadão mirim - a vez e a voz da nossa comunidade

Resumo

O Projeto cidadão mirim - a vez e a voz da nossa comunidade - foi realizado com os alunos do 2º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Silveira Neto, com o objetivo de levar os alunos a conhecer melhor e valorizar o bairro e a comunidade nos quais estão inseridos. O trabalho foi desenvolvido, pois, no início do ano letivo, as crianças relatavam os problemas que existiam no bairro, como, por exemplo, a disposição inadequada do lixo nas ruas e terrenos, os cachorros soltos ou abandonados, o barulho excessivo que alguns vizinhos faziam.

Partindo desses problemas e dos temas bairro e comunidade, foram realizadas diversas atividades, como passeios, entrevistas, pesquisas, leituras, produções escritas e criação de blogue, levando os alunos a ser os protagonistas da própria aprendizagem, proporcionando a interação entre eles e a autonomia durante todo o processo. O projeto também possibilitou a articulação entre escola, família e comunidade.

Com isso, as crianças puderam pesquisar em diversas fontes as informações necessárias ao trabalho, registrar o que aprenderam e socializar o conhecimento produzido. Aprenderam a olhar para o lugar onde vivem de uma forma mais atenta, identificando os problemas e buscando soluções para eles, seja através de campanha de conscientização da comunidade ou do reconhecimento de seus direitos e da possibilidade de reivindicá-los junto ao poder público, exercendo assim, na prática, a cidadania.

Planejamento

A ideia para a realização do projeto surgiu quando, no período de sondagem e contextualização da turma, no início do ano letivo de 2018, muitas crianças relatavam problemas ou situações vivenciadas no bairro no qual residem, que é o bairro onde fica localizada a escola. Como faz parte dos conhecimentos curriculares previstos para o 2º ano do ensino fundamental o estudo do bairro e da comunidade, pensei em partir dessas vivências das crianças para estruturar um trabalho que abordasse esses conhecimentos de forma significativa. Levei em consideração, ao escolher o tema, aquilo que as crianças já sabiam a respeito do assunto, as aprendizagens que poderiam ser construídas a partir disso e também os recursos e materiais disponíveis para concretizar o trabalho.

Dentro do tema escolhido, que no caso foi o exercício da cidadania considerando o bairro e a comunidade nos quais as crianças estão inseridas, delimitei alguns aspectos importantes, mas o que iniciou o processo foi o questionamento: quais são os maiores problemas do bairro ou da comunidade? A partir dessa pergunta, foram trabalhados conceitos de cidadania e comunidade, direitos e deveres, o espaço geográfico (ruas, bairro, mapa), o meio ambiente no bairro, coleta seletiva do lixo, cuidados com animais domésticos, prejuízos causados pelo excesso de barulho na vida em comunidade, entre outros.

A partir desses recortes, vislumbrei a possibilidade de muitas aprendizagens, através de um trabalho que envolveria pesquisa, busca de informações em diferentes fontes, atividades que proporcionassem o protagonismo dos alunos e a articulação entre escola, família e comunidade. Além disso, o projeto visou,

desde o início, promover a autonomia dos alunos, levando-os a intervir na realidade, exercendo, assim, a cidadania, importante para construir sua própria identidade e criar o sentimento de pertencimento. As metas ou objetivos de aprendizagem com o projeto foram: conhecer e valorizar o bairro e a comunidade nos quais estão inseridos; exercer a cidadania de forma concreta, conhecendo seus direitos e deveres na comunidade; identificar problemas no bairro e buscar soluções para eles; pesquisar, registrar, comparar, analisar dados e informações a respeito do tema trabalhado; criar formas de divulgar o conhecimento construído; propiciar o uso da escrita e da leitura num contexto significativo, que evidencie a função social que o texto abrange.

Para a realização do projeto, foram compartilhados com os alunos diversos materiais que utilizei na pesquisa que antecedeu o trabalho, como textos, mapa, livro literário, sites da internet, além dos materiais que comumente são utilizados nas aulas, como quadro branco, canetão, papel craft... Além desses materiais, foram utilizados aparelhos como celular, tablet e computadores, para registrar o trabalho através de fotos e vídeos e para criar e atualizar o blogue do projeto. Em relação ao referencial teórico que embasou o trabalho, primeiramente considerei a Base Nacional Comum Curricular, que destaca, nas competências gerais de aprendizagem, principalmente no item 4, muitas ações necessárias para a realização do projeto: utilizar diferentes linguagens para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. Outro texto importante no planejamento foi o artigo "Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental", de Helena Copetti Callai. Também contribuíram para a prática os textos de Paulo Freire, especialmente Pedagogia da Autonomia, e o material disponibilizado nos sites Cidades Educadoras (http://cidadeseducadoras.org.br/) e Cidade Escola Aprendiz (http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/).

Diagnóstico

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Silveira Neto está localizada no bairro Rodrigues, na periferia da cidade, e tem oitenta anos de história. Os moradores são, em maioria, operários de fábricas, trabalhadores da construção civil, donas de casa e pequenos comerciantes. A escola atende a aproximadamente 110 alunos, moradores do próprio bairro ou de bairros vizinhos. A história do bairro se mistura à história da escola, pois muitos ex-alunos são agora avós, pais ou parentes dos alunos atuais. A comunidade é bastante presente no cotidiano escolar, participando de eventos, reuniões e outras atividades.

O estabelecimento tem uma estrutura simples, porém organizada. Há uma biblioteca com um bom acervo e também temos um refeitório. Não temos quadra poliesportiva ou espaços adequados para a prática de esportes e o laboratório de informática frequentemente passa por manutenções, sendo impossível utilizá-lo por longos períodos. A direção e a coordenação da escola acompanham de perto o trabalho dos professores e colaboram com aquilo que é solicitado, sempre que possível. A turma do 2º ano é composta por 22 alunos, com idades entre sete e oito anos, que estão em processo de alfabetização. São crianças curiosas, ativas, participativas e, por vezes, bastante agitadas. Gostam de ouvir músicas sertanejas e funk e falam bastante dos youtubers, que são os ídolos do momento entre jovens e crianças.

Com relação ao processo de ensino-aprendizagem, o maior desafio é alfabetizar num contexto significativo para o aluno, considerando a diversidade de interesses da turma e os diferentes níveis de aprendizagem em que cada um deles se encontra, num processo que possibilite o avanço e a superação das dificuldades. Acredito que em relação a esse aspecto, algumas crianças enfrentam dificuldades no

processo de alfabetização, pois não contamos com um apoio ou suporte em forma de reforço escolar ou, ainda, de atendimento específico para alunos com dislexia, hiperatividade, déficit de atenção. Por outro lado, o potencial criativo dos alunos é muito grande. Assim, julgo necessário um ensino que seja mais conectado às vivências das crianças, que possibilite a elas ser protagonistas no processo de aprendizagem. Percebo que muitas são dependentes, inseguras, têm medo de errar. Assim, adotar uma metodologia que promova a interação, a comunicação e a iniciativa dos alunos é importante; mudar a abordagem pode levar a uma maior aprendizagem.

O diagnóstico de aprendizagem referente ao tema ou conhecimentos curriculares abordados no projeto foi feito durante o primeiro mês de aula, através de rodas de conversa sobre a vida e cotidiano das crianças, do lugar onde moravam e o que pensavam a respeito do convívio em comunidade. Durante o processo, ao pedir que as crianças, na atividade ou tarefa de casa, escrevessem seu endereço completo, percebi que muitas confundiam ou não conseguiam diferenciar bairro de rua. Assim, acrescentei, como atividade do projeto, trabalhar o mapa do bairro e identificar a rua em que cada criança morava. Também durante o período de diagnóstico, vários alunos relataram que seus animais de estimação - gatos, cães - haviam sido mortos, atropelados ou tinham desaparecido. Outro aspecto que também poderia ser e foi contemplado durante a realização do projeto. Além dessas questões que se relacionariam, mais tarde, com o tema do projeto, percebi que as atividades envolvendo situações de escrita e leitura precisavam ser diárias, para possibilitar o avanço da turma na alfabetização. O processo de diagnóstico durou aproximadamente quinze dias.

Desenvolvimento

O projeto iniciou-se na metade do mês de março de 2018 e estendeu-se até a metade do mês de maio do mesmo ano.

O trabalho começou com uma pesquisa, em forma de questionário, que as crianças levaram para casa (anexo 1). Elas deveriam fazer as perguntas para um morador do bairro Rodrigues e as perguntas eram: qual a sua idade? Há quantos anos mora no bairro? Na sua opinião, quais são os maiores problemas do bairro Rodrigues (podendo citar até três problemas)? Após alguns dias, os alunos trouxeram os resultados da pesquisa e cada um compartilhou com a turma o que descobriu. Nesse momento precisei ajudar os alunos que ainda não estavam alfabetizados na leitura dos registros. Foi uma atividade que promoveu a participação das crianças, sendo que elas ficavam comparando as respostas que as pessoas deram. Cabe ressaltar que mesmo os alunos que não moram no bairro da escola fizeram um esforço e conseguiram entrevistar moradores do local, mostrando interesse e empenho na tarefa.

Em seguida, para visualizar melhor os dados e informações obtidos na pesquisa, falei para a turma que iríamos construir uma tabela e um gráfico. Alguns alunos indagaram: “o que é isso?”, enquanto outros diziam não estar entendendo. Então expliquei que, conforme realizássemos a atividade, eles compreenderiam.

E assim foi. Primeiro fizemos a tabela (cartaz), com as crianças contando quantos "pontos" cada problema recebia. Depois transformamos a tabela em gráfico (anexo 1), e aí alguns alunos diziam: "eu já fiz isso"; "é igual no livro de Matemática!". Essa atividade foi muito importante, pois evidenciou, visualmente, quais os maiores problemas do bairro, na opinião dos moradores, que foram os seguintes: falta de creche para menores de um ano; falta de espaços adequados para lazer e diversão; rede de esgoto inadequada;

perturbação do silêncio; animais abandonados nas ruas; iluminação pública insuficiente ou lâmpadas quebradas; problemas com o lixo; falta de segurança/roubos e situação das ruas.

Os cartazes com o gráfico e a tabela ficaram expostos durante quase todo o período de realização do projeto e, frequentemente, recorremos a eles nas atividades posteriores.

Dando continuidade, perguntei aos alunos se eles gostariam de fazer um passeio pelo bairro, com o objetivo de observar as ruas, as casas e de, eventualmente, registrar com fotos as situações relatadas pelos moradores. As crianças vibraram com a ideia e então organizamos o passeio para a próxima aula. Aliás, essa foi uma das estratégias que utilizei ao longo do projeto para instigar e envolver os alunos: lançar desafios, propor uma ideia, questionar, apontar caminhos, mas jamais impor uma atividade.

Durante o passeio, as crianças ficaram atentas aos problemas que apareceram na pesquisa, como o lixo em locais inadequados, animais soltos nas ruas (aliás, um dos motivos pelos quais os passeios precisaram ser breves e foi necessário evitar passar por alguns locais, visto que os cachorros soltos, alguns de raças como pit bull, representavam perigo para os alunos) e buracos no calçamento. Além disso, ficavam contentes e ansiosas para apontarem suas casas (anexo 1).

Após o passeio, trouxe para a sala de aula o mapa do bairro. Um aluno, antes mesmo de eu expor completamente o material, exclamou: "é um mapa!" Fizemos um círculo no chão, com o mapa no meio, e as crianças localizaram e pintaram a rua onde moram. Deixei que eles explorassem o material e me surpreendi, pois muitos usavam como referência a rua do colega para achar a sua, demonstrando que estavam refletindo a respeito do espaço geográfico e sua representação (anexo 1).

Na aula posterior, retomei o tema do projeto e perguntei para os alunos se seria possível fazer algo para transformar o bairro num lugar melhor para viver. Eles disseram que sim, a maioria deu como exemplo a questão do lixo, relatando que em suas casas não costumam depositar lixo em terrenos baldios, mas os vizinhos o fazem... Então lancei a proposta do projeto, falando no nome que pensei: cidadão mirim. Escrevi o mesmo no quadro, pedindo o que pensavam a respeito do título, se tinham outra sugestão. Como a turma foi receptiva ao nome, assim ele ficou. Questionei se eles sabiam o que significa a palavra cidadão, e um aluno disse que era quem morava na cidade. Respondi que sim, a origem da palavra era essa, mas que ela tinha um significado maior, relacionado aos direitos e deveres das pessoas que vivem numa comunidade/sociedade.

Definido o nome do projeto e o porquê da escolha, continuamos com o trabalho. Pensando em aproveitar as atividades do mesmo para trabalhar a escrita, a alfabetização, imprimi as fotos tiradas durante o passeio pelo bairro e agrupei os alunos em duplas, considerando o nível de aprendizagem de cada um (pré-silábico, silábico, alfabético), de forma que todos conseguissem produzir legendas de acordo com as imagens (anexo 1). Nesse meio tempo, criei o blogue do projeto e apresentei às crianças, que mais tarde ajudaram a atualizar as postagens, digitando as legendas que criaram para as fotos (anexo 1).

Prosseguindo, questionei a turma em relação aos problemas do bairro: quais deles eram causados ou agravados pelos próprios moradores? Para minha surpresa, as crianças identificaram facilmente três deles: a questão do lixo, dos animais abandonados ou soltos nas ruas e o barulho excessivo causado por alguns moradores. Lancei a proposta de criarmos um folheto informativo com o objetivo de conscientizar as pessoas a respeito desses problemas. Os alunos adoraram a ideia, mas queriam saber como faríamos isso. Expliquei que, primeiro, precisávamos estudar um pouco cada item. Essa etapa do projeto foi

importante também por retomar um trabalho feito pela escola em anos anteriores, chamado "Lixo que não é lixo", no qual os alunos cuidavam da limpeza do pátio da escola e precisavam observar a separação de lixo seco e orgânico nas lixeiras apropriadas. Assim, nas aulas seguintes, lemos textos sobre coleta seletiva e reciclagem do lixo, realizamos a leitura do livro A família sujo, que aborda a temática estudada, acessamos o portal do município para descobrir os dias certos da coleta no bairro, conversamos e lemos sobre a responsabilidade de se ter um bichinho de estimação e os cuidados que eles demandam, e discutimos, ainda, sobre a vida em comunidade e o respeito necessário com os vizinhos, principalmente em relação ao barulho que pode incomodar os outros. Também mencionei para a turma a lei que trata desse assunto, o artigo 42 do Decreto-Lei nº 3688/41.

Além das leituras, conversas e debates, também usei alguns jogos, dos computadores da escola e de sites educativos, como “Escola games”.

Após termos aprendido um pouco mais sobre os assuntos que estariam nos folhetos, pedi para as crianças ideias para a escrita e registrei as mesmas no quadro. Posteriormente ampliei essas ideias, construindo o texto dos folhetos com base nelas. Por fim, cada criança fez uma ilustração referente aos assuntos trabalhados e finalizei o material (anexo 2). A turma ficou maravilhada com os folhetos, lendo-os, comentando sobre as ilustrações dos colegas... (anexo 2). Cada aluno levou um exemplar para casa, para compartilhar com a família, e também distribuímos para as demais turmas da escola. E, é claro, voltamos ao bairro e entregamos cerca de sessenta folhetos aos moradores (anexo 2). Essa atividade promoveu a autonomia e iniciativa das crianças, além da oralidade, pois elas precisaram abordar as pessoas e explicar do que se tratava o material.

Nesse ponto o blog do projeto já continha algumas publicações e criei uma página no facebook para ajudar na divulgação. Assim houve uma maior interação com as famílias e a comunidade, que acessaram, curtiram e compartilharam o conteúdo. Isso gerou grande interesse por parte da turma, que viu o seu trabalho valorizado.

Mas ainda havia problemas citados pelos moradores sobre os quais não tínhamos muita clareza. Por exemplo, alguns citaram que a rede de esgoto do bairro era inadequada, mas durante as visitas ao bairro não conseguimos identificar isso. O ideal seria voltar ao bairro e tentar registrar, fotografar essas situações, mas a escola estava passando por problemas com recursos humanos, não havia professores que pudessem me acompanhar nas saídas com as crianças. Para esclarecer e aprofundar nossos conhecimentos, convidei uma liderança do bairro para ser entrevistada pelos alunos. Essa atividade já estava prevista no planejamento inicial, mas ganhou ainda mais importância, pois a entrevistada poderia esclarecer os pontos sobre os quais ainda tínhamos dúvidas. Dessa forma, cada aluno, como tarefa de casa, pensou e registrou uma pergunta que gostaria de fazer para a entrevistada, podendo pedir sugestões para a família. Foi outro momento em que ocorreu a escrita contextualizada e de uma forma que envolveu a família no processo (anexo 2).

Posteriormente as crianças leram suas perguntas e então orientei como deveriam fazê-la, apresentando-se, dizendo seu nome, escutando com atenção as respostas. No dia da entrevista, muitos alunos demonstraram desenvoltura, questionando a presidente da associação de moradores com segurança; já outros, um pouco tímidos e inseguros, esqueciam o que iam dizer, e eu precisei auxiliar nesse momento. Também algumas crianças ficavam conversando, comentando o que a entrevistada respondia, o que gerava um pouco de dispersão. Mas acredito que isso se deve ao fato de ser a primeira experiência da turma com esse tipo de atividade, e o objetivo principal, que era buscar mais informações a respeito dos

problemas do bairro, foi alcançado. Aliás, a convidada reforçou algo que é objetivo do projeto contemplar, a participação, o engajamento dos alunos, que serão os futuros moradores do local, na solução de problemas e na busca do bem comum. Ela relatou que poucas pessoas participam das reuniões que ela organiza e que muitas situações poderiam ser resolvidas com a união dos moradores. Ao final, a entrevistada ficou emocionada, contando que, em quase vinte anos à frente da associação, nunca havia sido chamada na escola para falar (anexo 3).

Durante a entrevista, nossa convidada enfatizou a responsabilidade da administração municipal de resolver alguns problemas do bairro. Retomei essa questão com os alunos nas aulas subsequentes, sugerindo que nós escrevêssemos uma carta aos vereadores, contando sobre o nosso projeto e os problemas que estudamos e pedindo colaboração deles, no que fosse possível, para resolvê-los. Os alunos nunca haviam escrito ou lido uma carta, foi o primeiro contato deles com esse tipo de texto e forma de comunicação. Não foi uma simples atividade, foi um evento. Isso porque escrevi a carta no quadro, com a participação de todos, atuando como escriba, orientando sobre as características do texto que eles desconheciam e, durante esse processo, usando a letra cursiva, as crianças ficavam atentas ao uso da letra maiúscula no início das frases, nos substantivos próprios... (anexo 3). A escrita da carta foi concomitante com a transição que estava sendo feita, durante as aulas, da letra tipo caixa alta para letra cursiva, o que deu um significado maior para esse aprendizado. Além disso, todos assinaram a carta, depois de revisada e digitada por mim (anexo 3). Foi a primeira vez que as crianças assinaram seus nomes completos, usando letra cursiva, algo que considero muito simbólico. A carta foi entregue para a Câmara de Vereadores do município e todos os alunos receberam uma cópia da mesma para levar para casa e ler com seus familiares.

Assim que divulgamos sobre a carta no blogue e na página do facebook, recebemos retorno: uma vereadora comentou sobre o projeto e se colocou à disposição para ajudar no que pudesse (anexo 3). O presidente da Câmara de Vereadores pediu para ir até a escola e falar com os alunos, o que foi muito importante, pois valorizou ainda mais o trabalho desenvolvido (anexo 3). Na ocasião, aproveitou para falar sobre alguns projetos que tramitam na Câmara e que podem amenizar os problemas que identificamos no bairro. A carta também foi lida, posteriormente, por outro vereador, numa sessão da câmara, e as crianças puderam conferir isso no vídeo.

Ao final do projeto, realizei uma avaliação escrita com os alunos, na qual eles puderam demonstrar, através de desenhos e palavras, o que foi mais significativo para eles durante o processo. Isso será relatado com mais detalhes adiante, na avaliação do projeto.

Os links para acessar o blogue e a página no facebook referentes ao projeto estão no anexo 3.

Avaliação

Aprendizagem

Retomando os objetivos propostos no início do projeto, acredito que muitas aprendizagens foram construídas. Primeiramente, as crianças saíram de uma visão restrita e de uma leitura superficial do lugar onde vivem, passando a conhecer melhor seu bairro e sua comunidade, cada uma no seu nível de percepção. A fala de um aluno exemplifica isso: ao elaborar os folhetos informativos, o menino afirmou que passava todos os dias pela mesma rua, com lixo acumulado num terreno baldio, mas não percebia

isso. Ou seja, as atividades contribuíram para problematizar a realidade e levar à reflexão, fazendo que as crianças estejam mais atentas ao que acontece na rua e no bairro.

Outro aspecto positivo foi levar os alunos a pensar o que significa fazer parte de uma comunidade, a compreender que podemos contribuir, de diversas formas, para tornar nosso espaço de convivência um lugar melhor para se viver. Seja exigindo nossos direitos junto ao poder público ou promovendo uma maior conscientização coletiva, acredito que as crianças compreenderam que temos um papel a exercer na sociedade e que isso configura a cidadania na prática.

Penso que uma das maiores aprendizagens da turma foi a busca por informações em diferentes fontes, seja através de uma entrevista, uma pesquisa, de uma leitura ou de um jogo. Isso rompe com a ideia de que o professor é a única referência na sala de aula, a única fonte de informação.

Outro fator que proporcionou avanços na aprendizagem foram as atividades que privilegiaram a produção escrita, nas criações de legendas para fotos, nas postagens do blogue, na criação do folheto informativo, na escrita da carta. Destaco que nesses momentos todos, foram capazes de criar, interagir e produzir textos contextualizados, individual e coletivamente, o que contemplou os diversos níveis de aprendizagem nos quais os alunos se encontram. A escrita da carta exemplificou para as crianças o uso da letra cursiva, bem no momento em que estava sendo feita a transição da letra caixa alta para cursiva e, nesse processo, a turma pôde observar o uso de letras maiúsculas em início de frase, em nomes próprios, ao assinarem a carta. Tudo isso em um contexto amplo e significativo, fugindo das atividades normalmente mecânicas e repetitivas quando se aborda essa relação entre tipos de letras.

Acredito que a aproximação e articulação entre escola, família e comunidade, que perpassou toda a realização do projeto, serviu para mostrar a todos os segmentos escolares a importância do estudo, da pesquisa e da divulgação do conhecimento que partiu de uma problemática real. Foi um trabalho integrado que beneficiou a todos os envolvidos.

Quanto aos meios utilizados para avaliar os alunos, penso que o acompanhamento diário dos mesmos durante o processo, a observação constante do envolvimento da turma nas atividades, já seriam suficientes para considerar o resultado satisfatório. Isso porque desenvolver um projeto é diferente de planejar, aplicar e avaliar uma aula tradicional, "normal" ou necessariamente expositiva. A aula tradicional acontece, o aluno participando ou não, pois está centrada na ação do professor. Ela pode gerar aprendizagem ou não. Já o projeto não pode ser realizado sem o engajamento e participação direta e imprescindível dos alunos. Então, se você consegue realizar o projeto, desenvolvendo as atividades propostas com a colaboração dos alunos, isso já denota o sucesso do trabalho.

Ao final do projeto, fiz uma avaliação escrita do mesmo com as crianças, na qual elas deveriam responder, usando palavras ou desenhos, duas questões:

Qual parte do projeto você mais gostou?

Você aprendeu algo novo com o projeto?

Apesar das perguntas serem amplas, as crianças foram bem específicas ao responderem, inclusive mencionando aspectos que eram esperados na definição dos objetivos. Muitas destacaram os passeios e as entrevistas realizadas como os momentos que mais gostaram. Também desenharam a etapa em que ajudaram a atualizar os posts no blogue. Sobre as novas aprendizagens, mencionaram o cuidado com o

lugar onde moram, com a disposição correta do lixo, os cuidados com os animais de estimação, relataram que aprenderam a entrevistar pessoas. Uma aluna destacou o fato de ter aprendido a construir um gráfico como nova aprendizagem. Ou seja, essas avaliações demonstram a variedade de aprendizagens que o projeto proporcionou, contemplando diversos interesses e níveis de aprendizagem (anexo 3).

Além disso, creio que as maiores aprendizagens dizem respeito à autonomia, interação e protagonismo, que todo o desenrolar do trabalho propiciou aos alunos. Consegui aliar a leitura de mundo à leitura da palavra, como coloca Copetti:

"Como realizar a leitura da palavra por meio da leitura do mundo? E como fazer a leitura do mundo por meio da leitura da palavra? Esse pode ser o desafio para pensar um aprendizado de alfabetização que seja significativo. Partindo do fato de que a gente lê o mundo muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo."

O projeto também considerou e conseguiu colocar em prática, na minha visão, o que está previsto na Base Nacional Comum Curricular, no que diz respeito ao ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental:

"...pretende-se possibilitar que os estudantes construam sua identidade relacionando-se com o outro (sentido de alteridade); valorizem suas memórias e marcas do passado vivenciadas em diferentes lugares; e, à medida em que se alfabetizam, ampliem sua compreensão do mundo." (BNCC, p.360.)

Gostaria de destacar que o trabalho desenvolvido ganhou ainda mais significado por concretizar, de certa forma, a filosofia da escola, que diz:

"Possibilitar uma educação para o desenvolvimento e exercício da cidadania plena e atuação consciente na sociedade, com base nos princípios de igualdade, honestidade, solidariedade e respeito à diversidade, visando à construção de uma escola cidadã, verdadeiramente inclusiva e transformadora."

Acredito que a minha prática foi condizente com aquilo a que me propus desde o início do projeto. Avaliei a mesma durante todo o processo, pensando na melhor forma de envolver os alunos, buscando alternativas para os imprevistos. Penso que tive bastante cuidado ao preparar situações de aprendizagem de forma a possibilitar a participação de todos. Confesso que, no início, cogitei que as crianças não teriam capacidade de analisar, discutir e compreender um tema tão complexo, devido à idade, porém elas me surpreenderam positivamente. Isso porque elas estavam estudando a sua rua, o seu bairro, o seu lugar no mundo, as suas vivências... Sendo assim, acredito que o objetivo geral do projeto, que era conhecer e valorizar o bairro e a comunidade no qual está inserido, foi plenamente alcançado. Outro aspecto importante foi o papel exercido pelos alunos junto às famílias e comunidade, disseminando o conhecimento construído e compartilhando informações úteis e de qualidade.

Na verdade o caminho trilhado até aqui aponta muitas possibilidades de novas aprendizagens e aprofundamento do que já se sabe. Pretendo ampliar o conhecimento geográfico das crianças, trabalhando o mapa do bairro com mais detalhes e estimulando a observação das paisagens do lugar onde as crianças moram e consequente elaboração de mapas individuais. Também estou organizando estudos mais específicos referentes à história do bairro e da escola, incluindo a pesquisa por fotos antigas para comparação entre passado e presente. E há outras lideranças e pessoas da comunidade que poderão ser entrevistadas, para conseguirmos mais fontes históricas, através de relatos orais. Enfim, o bairro e a comunidade continuarão sendo fonte de pesquisa e novas aprendizagens para a turma.

Além disso, destaco o papel que a interdisciplinaridade teve no projeto. Foram diversos componentes curriculares ou disciplinas que, integrados a partir de um tema, colaboraram para a compreensão do todo. Exemplificando: em Matemática, a construção da tabela e do gráfico que ajudaram a visualizar melhor os dados da pesquisa inicial; em Ciências, o estudo sobre o lixo, coleta seletiva e reciclagem e também as informações sobre os cuidados necessários com os animais de estimação; em Língua Portuguesa, a alfabetização nas situações que exigiam leitura e produção escrita; e, ao longo do processo, o fato de estarmos fazendo História ao desenvolver um projeto que articulou a escola, família e comunidade, em busca de um objetivo comum: transformar o bairro num lugar melhor para se viver!

Os desafios ainda presentes são continuar o trabalho no sentido de acreditar e apostar no potencial das crianças, partindo de seus interesses e necessidades de aprendizagem, para alcançar bons resultados.

Tenho participado de vários processos seletivos que premiam professores e isso vem contribuindo muito com minha prática, principalmente no que diz respeito à importância de registrar os projetos que realizo, sistematizar o processo através da escrita e, nesse movimento constante, avaliar meu trabalho e as aprendizagens dos alunos, buscando o aperfeiçoamento sempre.

Gostaria de finalizar destacando que tenho uma relação muito especial com essa escola. Minha irmã mais velha, também professora, aposentou-se trabalhando aqui. Realizei o meu primeiro estágio, do Magistério, há mais de vinte anos, nessa escola. Fiquei muito feliz por conseguir realizar um trabalho que envolveu a comunidade e as famílias, colaborando para a aprendizagem dos alunos e possível melhoria na vida de todos.

Reflexão

O projeto que desenvolvi pode ser replicado por outros professores em realidades distintas. Para tanto, é preciso que, inicialmente, o professor tenha o mínimo de conhecimento a respeito do lugar em que as crianças vivem. Depois, precisa conhecer a turma, seus interesses, necessidades de aprendizagem e potencialidades. Também é necessário adequar o projeto ao ano escolar trabalhado e aos conhecimentos curriculares previstos. Assim, passa-se a olhar para o lugar onde os alunos moram, fazendo uma investigação junto com a turma, para identificar possíveis assuntos, problemas ou questões que dariam ideias para estruturar o projeto. Paulo Freire, em Pedagogia da autonomia, coloca: "Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?" Quando olhamos para o lugar, para o espaço e para a comunidade, são muitas as situações que podem ser contempladas num projeto. É o potencial educativo do território em questão.

Penso que uma das dificuldades estaria nas escolas que recebem alunos de vários bairros e de realidades distintas. No meu caso, a maioria das crianças residia no mesmo bairro. Cabe ao professor pensar em estratégias para lidar com essa diversidade. Na verdade, creio que o trabalho poderia ser ainda mais rico, através da comparação e análise das características de cada lugar, suas semelhanças e diferenças. Outra dificuldade que pode ser enfrentada é devido à forma como cada professor conduz seu trabalho. Para realizar um projeto é necessário assumir a postura de mediador e facilitador da aprendizagem e possibilitar ao aluno mais autonomia. Muitos professores ficam inseguros com essa mudança na forma de ensinar. Outro aspecto a levar em consideração é a diversidade da turma, os níveis de aprendizagem de

cada um e a forma como aprendem. Há que se considerar esses aspectos para que todos possam efetivamente colaborar e aprender durante o processo.

Em relação à aprendizagem dos alunos, os professores que conseguirem organizar um projeto bem estruturado e com objetivos claros podem esperar muita participação, engajamento e curiosidade. Também ficará mais fácil trabalhar com os diversos níveis de aprendizagem que a turma comporta, se isso foi previsto antecipadamente no planejamento. Desse modo, cada aluno colabora à sua maneira, as diversas potencialidades vão sendo exploradas: o aluno que gosta de desenhar é valorizado, o que tem facilidade para se expressar oralmente também, o outro que escreve com certa autonomia vai ajudar o colega que tem mais dificuldade... E assim se constrói um trabalho significativo em que todos aprendem.